

Relatório Agro+ Café novembro/2022

Período de referência: safra de café 2022

Ação: Análise econômica – Programa ATEG Café+Forte, baseada na metodologia construída e apresentada no 1º Relatório trimestral do Projeto AGRO+.

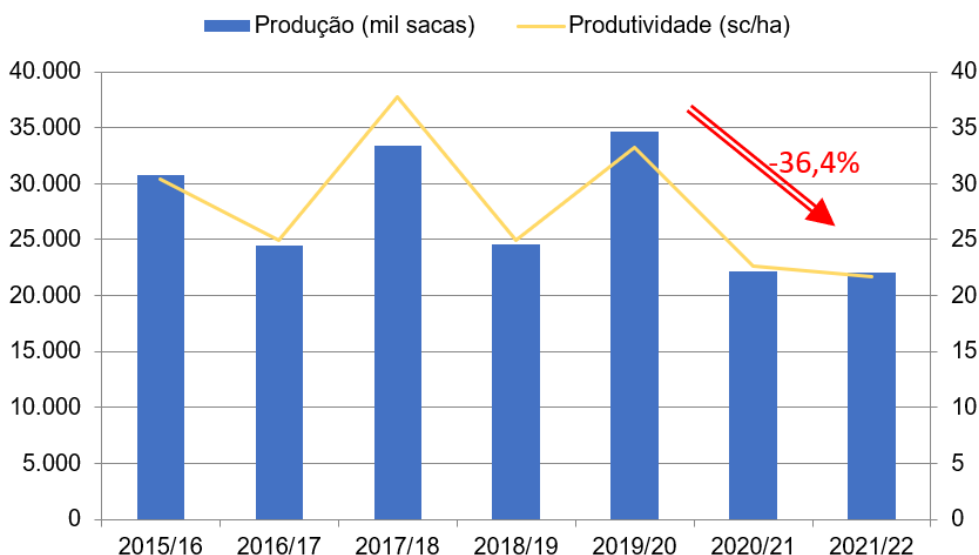
O texto foi elaborado pela analista Ana Carolina Alves Gomes, realizando análise de informações de safra de café, cenário econômico e dados compartilhados pela GATG, Nathália Rabelo Filgueiras.

Indicadores Econômicos de Mercado de Café

O ano de 2022 foi desafiador para a cafeicultura. Por duas safras consecutivas afetadas por intempéries climáticas, como seca, geada e granizo, que assolaram as principais regiões de café.

A produção de café em 2022 está estimada em 50,4 milhões de sacas, sendo 20,1% menor que o ano de bialidade positiva (2020). Minas Gerais também sentiu as adversidades, com redução de 36,4% da produção (22 milhões de sacas). Dentre as regiões cafeeiras do estado de Minas Gerais, a maior região produtora (sul de Minas) foi a mais impactada negativamente (-49%), o que gera um grande déficit no mercado de café.

Figura 1 – Evolução da produção cafeeira em Minas Gerais.

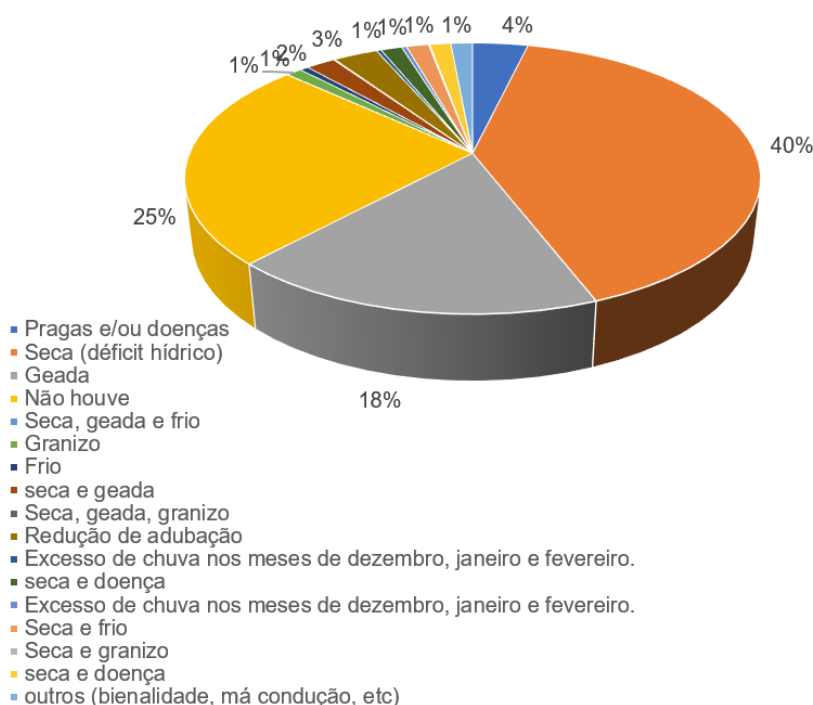


Fonte: CONAB (2022).

Foi realizada uma pesquisa junto aos produtores assistidos pelo Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) Café+Forte, onde 2477 produtores relataram perdas por algum evento climático, sendo seca (déficit hídrico) que afetou cerca de 40% dos respondentes, seguido da geada (18%).

Dentre os 2477 produtores, apenas 616 relataram não haver problemas relacionado a perda na produção da safra 2022, os demais relataram perdas na média de 29%, sendo 591 produtores com perdas até 20%, 568 produtores com perdas entre 21 e 40%, 323 produtores com perdas entre 41 e 60%, e 253 produtores com perdas entre 61 e 99%, e 36 produtores com perda total.

Figura 2 – Problemas na Safra 2022 que levaram a perda na produção.



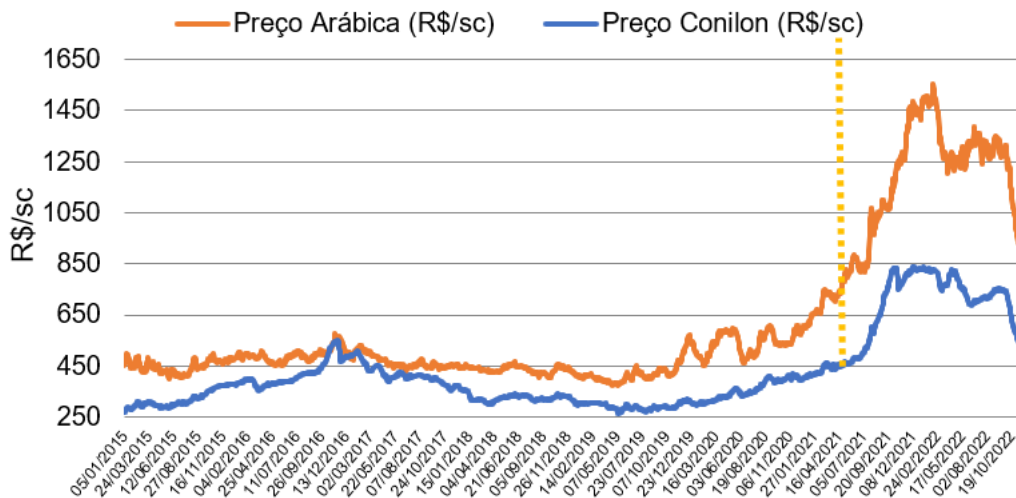
Fonte: Dados ATeG/C+F (2022).

O impacto para próxima safra (2023) ainda terá reflexo dessas condições climáticas. O próximo ano é historicamente considerado como bienalidade negativa (produção mais baixa), porém, com as intercorrências do clima e quebras de safra consecutivas espera-se uma inversão – safra minimamente superior à produção de 2021 e 2022, porém, ainda é cedo para esta afirmação.

No momento atual (novembro), período de pós florada os olhos se voltam ao pagamento. Se por um lado a florada segue animando o mercado que já precificou uma safra volumosa (gerando queda nos preços do café), por outro, o seu pagamento anda preocupando produtores e técnicos de campo de várias regiões.

Os preços médios em 2022 trabalharam em vertente de baixa ao longo do ano, diferente de 2021, para ambas espécies, saindo de R\$ 1.483,10/saca do arábica em janeiro/22 para R\$ 954,10/saca em novembro (-36%), e R\$ 828,6/saca de conilon para R\$ 560,1/saca (-32%) considerando mesmo período.

Figura 3 – Evolução nos preços de café arábica e conilon.

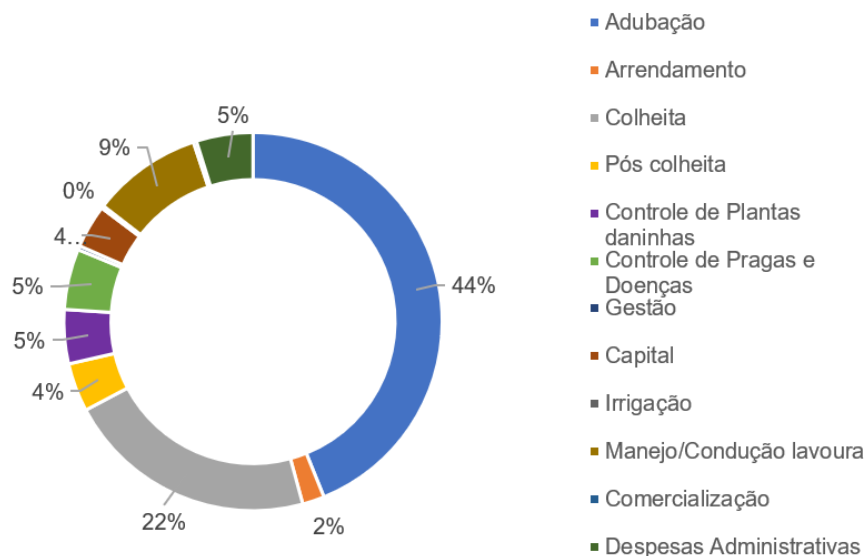


Fonte: CEPEA (2022).

Enquanto isso, inúmeros cafeicultores seguem passando por dificuldades, que além dos problemas climáticos, se depararam ainda com a alta dos custos de produção, o que coloca desafiador o abastecimento global de café, um risco no qual aparenta passar despercebido pela maioria.

Dentre os custos que mais pesaram para os produtores no COE – Custo Operacional Efetivo foram: fertilizantes (adubação: 44%) e mão-de-obra (principalmente para colheita: 22%).

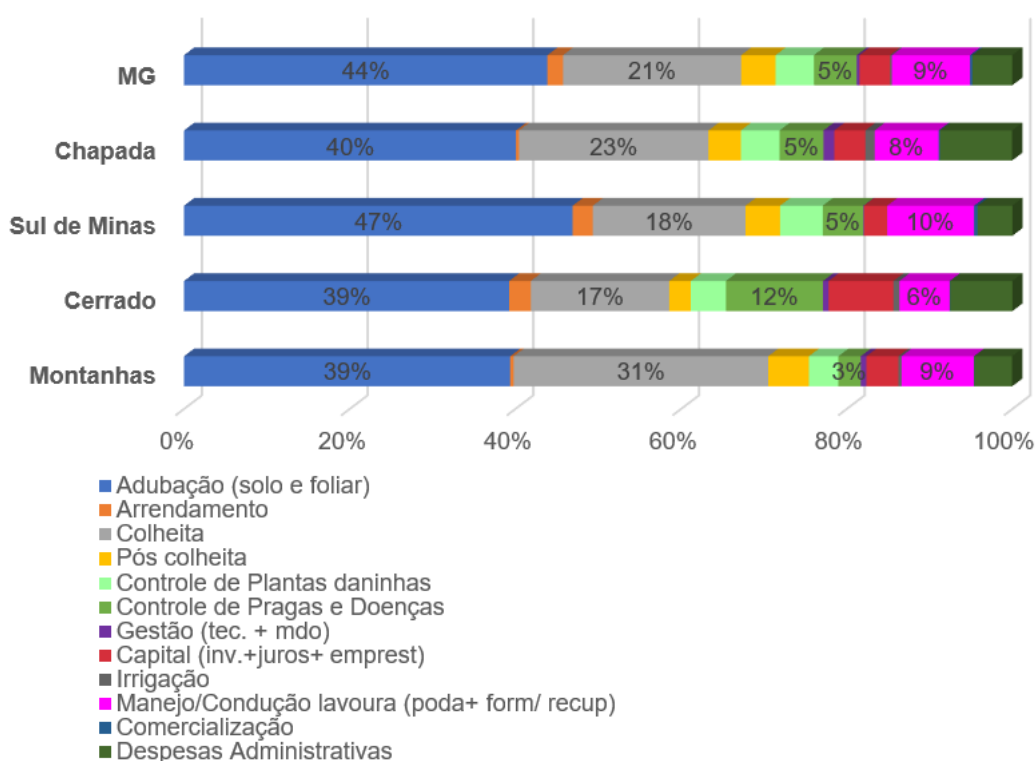
Figura 4 – Distribuição do Custo Operacional Efetivo – COE – Safra 2021/22.



Fonte: Dados ATeG/C+F (2022).

Dentre os grupos de produtores atendidos pelo ATeG/C+F nas diferentes regiões, o custo com “Adubações (solo e foliar)” foi maior no Sul de Minas, que representou cerca de 47% do COE, ou seja, do que foi desembolsado pelo produtor; enquanto que no que tange a “Colheita”, as regiões das Montanhas de Minas (que abrange as Indicações Geográficas Matas de Minas e Caparaó) foi de 33%, ou seja, aproximadamente um terço do gasto do produtor para a atividade “café” foi para retirada do grão das lavouras; em se tratando de “Manejo de Pragas e Doenças” o custo foi mais representativo na região Cerrado Mineiro que correspondeu a 12%, onde, tradicionalmente há maior incidência de bicho mineiro (atrelado as questões climáticas) e broca (atrelado as questões de mecanização).

Figura 5 – Distribuição do Custo Operacional Efetivo – COE – Safra 2021/22, por macrorregião.



Fonte: Dados ATeG/C+F (2022).

As exportações de café de Minas Gerais no período de janeiro a outubro de 2022 tiveram leves altas no volume (+1,7%) se comparado ao mesmo período de 2021, com saldo acumulado de 23 milhões de sacas, enquanto em 2021 foram 22,8 milhões de sacas. A receita cambial dessas exportações foi maior em 63% se comparado a 2021. Dentre os destinos, os cafés mineiros seguiram para EUA (19,5%), Alemanha (19%), Bélgica (10%) e Itália (8,8%).

Pontos de atenção para 2023:

- i). Elevado grau de incerteza sobre a safra/produção de café do Brasil (e Minas Gerais) para o ano que vem, e que tudo depende da manutenção das chuvas nos próximos meses. Importante destacar nesse ponto as questões em relação aos tratamentos fitossanitários e nutricionais que devem ser mantidos, afinal a planta requer cuidados e tem suas exigências mínimas para produzir – reduzi-los não é uma boa ideia. Sugere-se alternativas de menor custo e/ou parcelamentos para viabilizar o fluxo de caixa.
- ii). Quanto ao novo governo, políticas e taxações. Dúvidas e incertezas. É preciso ter cautela e, principalmente, gestão dos custos da atividade cafeeira (buscando eficiência e boa aplicação dos recursos) e planejamento estratégico da comercialização da safra, buscando mix de alternativas (mercado físico, futuro, qualidade, exportação) – visando dividir as oportunidades.
- iii). Novas possibilidades de lockdown. Havendo novos picos pandêmicos, restrições sociais e comerciais, impactam no consumo e logística (de insumos e café).
- iv). Exigência do mercado europeu no que tange a sustentabilidade. Não somente do mercado Europeu (segundo maior comprador de cafés mineiros), mas, é uma tendência global as ações voltadas para a sustentabilidade na cafeicultura. Importante adoção de boas práticas de regeneração do solo (que pode possibilitar redução dos custos), pegada de carbono, organomineral, entre outras.